

Há sempre esperança, o sebastianismo é a prova de que a esperança nunca acaba

Carla Marques e Noémia Jorge entrevistam Miguel Real

<https://doi.org/10.61248/palavras.vi64.194>

Palavras – A sua obra é marcada por uma forte reflexão sobre a identidade portuguesa, sobre temas fundamentais e personalidades históricas da cultura portuguesa. O que procura ao escrever?

Miguel Real – Busco evidenciar a existência de traços de uma cultura portuguesa independentemente de momentos cronológicos diferentes.

Palavras – Em muitos dos seus romances, identificamos uma indagação crítica sobre aspetos fundamentais da condição humana. Que mensagem pretende transmitir sobre a condição humana?

Miguel Real – A existência no mesmo Homem e na História do Bem e do Mal.

Palavras – A reflexão em torno de figuras históricas permitiu, de alguma forma, um outro olhar sobre o mundo contemporâneo?

Miguel Real – Não. A cultura é sempre a mesma e as constantes históricas são sempre as mesmas. Só os homens concretos e as circunstâncias são diferentes. Por exemplo, no século XIX tivemos imensos primeiros-ministros, como António Costa e Luís Montenegro.

Palavras – Defende em *Nova teoria do sebastianismo* que esta crença tem um lado positivo e um lado negativo e acrescenta: “a crença sebastianista tornou-se a última esperança do português – contra ou paralelamente às

elites reinantes, o sebastianismo aposta num recomeço, reconstruindo a vida bloqueada pelas políticas do Estado, acreditando que futuro pode repetir o passado longínquo e a atual população ou os seus filhos (ainda) podem ser felizes”.

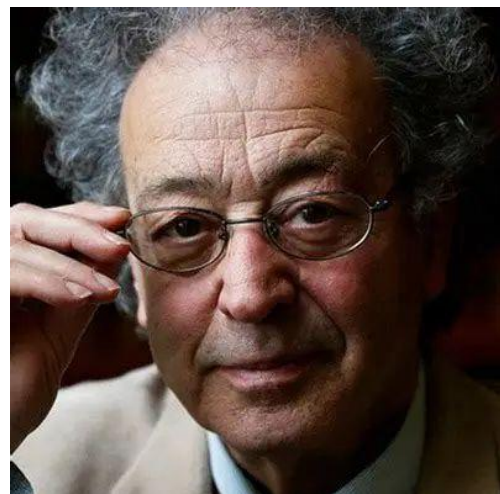
Ainda há esperança no “ser português” ou já não faz sentido acreditar num re-

Busco evidenciar a existência de traços de uma cultura portuguesa independentemente de momentos cronológicos diferentes.

começo?

Miguel Real – Há sempre esperança, o sebastianismo é a prova de que a esperança nunca acaba.

Palavras – Pecado, felicidade, mal, Fátima... são temas centrais de algumas



das obras que publicou. Qual é a importância destes temas para Portugal, em particular, e para o ser humano, em geral? O que procurava ao eleger estes temas como primordiais?

Miguel Real – Para os portugueses, Fátima é hoje a expressão do sagrado (oito milhões de portugueses vão a Fátima todos os anos e Nossa Senhora tornou-se o novo D. Sebastião). O mal e o pecado parecem ser, filosoficamente, a essência de Portugal – o que fizemos para não conseguirmos ser um povo normal? Ora um povo vanguardista – o melhor povo do mundo, segundo padre António Vieira; ora um povo atrasado só capaz de funcionar como uma ditadura, segundo o Marquês de Pombal.

Palavras – O teatro é uma arte que também abraçou. Que papel atribui à expressão artística?

Miguel Real – Só escrevo porque estou casado com uma dramaturga.

O mal e o pecado parecem ser, filosoficamente, a essência de Portugal...

Palavras – Como escolhe os temas para os textos que encena? Há alguma relação particular com uma conceção de teatro como forma de intervenção?

Miguel Real – Eu não enceno, é a Filomena Oliveira que encena. Mas, sim, o teatro é uma forma estética que permite uma intervenção direta com o público. No ano passado, escrevemos *Florabela, Florabela* para o CENDREV – o Teatro Garcia de Resende, em Évora, onde questionámos como a Florabela Espanca pensava na sua época e como, por hipótese, pensaria hoje.

Palavras – Recentemente, dirigiu, em conjunto com Annabela Rita, Isabel Ponce de Leão e José Eduardo Franco, a *História Global da Literatura*. O que

distingue esta obra das histórias da literatura já existentes? Qual poderá ser a sua utilidade para o ensino do Português?

Miguel Real – Ao nível do secundário, terá pouca utilidade; ao nível universitário, bastante, já que, tendo sido escrita por cem autores, procurou uma atualização na investigação científica.

Palavras – Como professor, qual a importância do pensamento crítico na formação dos alunos do século XXI?

Miguel Real – Todas as minhas aulas no secundário eram dadas como se estivéssemos numa tertúlia de pensamento livre e crítico em função do tema ou do autor dessa aula. Começava sempre por mim, que fazia uma introdução,

... E os [alunos] que, no secundário, forem cativados pelos clássicos continuarão a lê-los pela vida fora...

contextualizando o tema ou o autor e passava aos grupos de trabalho.

Palavras – O ensino pode ser um espaço de crescimento pessoal e de realização. Que papel atribui à educação na construção da autonomia e da identidade dos jovens?

Miguel Real – Um papel fundamental. É na escola que as crianças e os adolescentes, em contraste com a família, criam os seus grupos de pares e os professores são os seus modelos: uns ne-

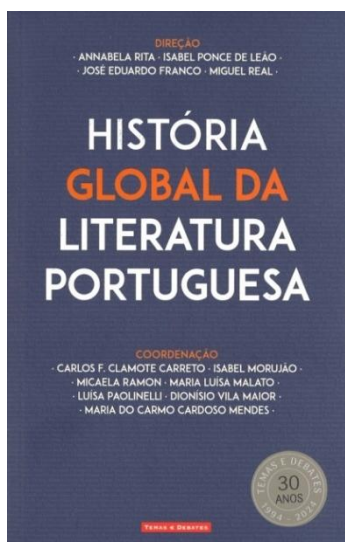
... a personalidade do aluno mede-se a partir da personalidade dos professores

gativos, outros positivos e um que elegem como o adulto que eles gostariam de ser. Mais importante que o conhecimento científico e a cultura geral que

recebem na escola, a personalidade dos alunos mede-se a partir da personalidade dos professores (únicos adultos não familiares com quem convivem diariamente).

Palavras – A história e as suas figuras assumem um espaço central na sua obra. Que importância tem a abordagem histórica de figuras como estas nas nossas escolas? E na literatura, continua a fazer sentido voltar a clássicos, como Padre António Vieira ou Eça de Queirós, quando tudo indica que são poucos os jovens que efetivamente os leem?

Miguel Real – Vale sempre a pena voltar os clássicos, tendo em conta que é apenas no tempo da escola que os alunos com eles convivem. Quando adultos, lerão autores atuais. E os que, no secundário, forem cativados pelos clássicos continuarão a lê-los pela vida fora. Nunca se leu tanto como agora em Portugal: treze milhões de livros foram vendidos o ano passado em Portugal.



Palavras – Como imagina o futuro da educação em Portugal? Que mudanças considera urgentes?

Miguel Real – Imagino-o feliz e sorridente (estou a brincar). Imagino-o seguindo as melhores práticas europeias.

Palavras – Em termos políticos, que tendências observa em Portugal que o preocupam ou inspiram? Encontra alguns paralelismos entre os desafios atuais e momentos históricos que já abordou nas suas obras? Que lições do passado considera fundamentais para o presente?

Miguel Real – Portugal hoje é um paraíso comparando com a maioria dos momentos do seu passado – as crianças vão todas à escola, o analfabetismo é residual; havendo dois milhões de pobres, não há miséria extrema senão pontualmente (os sem-abrigo); não há bairros de barracas a rodear as grandes cidades, como se vê na Índia; a mulher trabalha sem complexos, o que significa que cada família tem dois ordenados mensais e em dois meses do ano quatro ordenados; todos os trabalhadores têm férias; as liberdades são amplas e cumpridas. Nunca se viveu tão bem em Portugal como hoje.

Palavras – Que papel pode ter a cultura na regeneração política e social do país?

Miguel Real – Nunca se viveu tão bem em Portugal, nunca se leram tantos livros, mas a cultura é sempre a parente pobre. Penso que nunca as pessoas foram tão incultas como hoje, melhor dito, consomem uma cultura televisiva, hollywoodesca, leem romances *bestsellers*, de intriga fácil, próprios para ler no comboio ou no avião, e falam quase corretamente o inglês. Destacados destes cidadãos, existe uma elite com uma cultura fortíssima. Que frequenta a Gulbenkian e a Casa da Música. É esta elite que cria a cultura portuguesa atual.